



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://sites.google.com/unicamp.br/ccg/pibid/publica%C3%A7%C3%B5es-pibid>

DOI: 0

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2016 by Leitura Crítica. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

**Educação Musical e Cultura Popular
fomentando a construção da autonomia:
experiência do PIBID Música da Unicamp na Escola Estadual
José Maria Matosinho de Campinas**

Mirela Garcia dos Reis

Supervisora do subprojeto Música do PIBID-Unicamp
Escola Estadual José Maria Matosinho

Erika Boaventura

Supervisora do subprojeto Música do PIBID-Unicamp
Escola Estadual José Maria Matosinhos

Fernando de Souza Jorge

Bolsista ID do subprojeto Música do PIBID-Unicamp

Suelen Turíbio

Bolsista ID do subprojeto Música do PIBID-Unicamp

Tiago Liu

Bolsista ID do subprojeto Música do PIBID-Unicamp

Diana Yumi Shirata Lanças

Bolsista ID do subprojeto Música do PIBID-Unicamp

Yandara Pimentel

Bolsista ID do subprojeto Música do PIBID-Unicamp

Adriana do Nascimento Araújo Mendes

Coordenadora de Área do subprojeto Música do PIBID-Unicamp
Instituto de Artes

O presente capítulo descreve a proposta desenvolvida na Escola Estadual José Maria Matosinho de Campinas, SP, em parceria com o subprojeto Música do PIBID-Unicamp.

Inicialmente, são enfatizados trechos da legislação educacional brasileira que servem de embasamento para o trabalho e, em seguida, são apresentados relatos das duas supervisoras e dos bolsistas.

Muito se diz sobre...: diretrizes educacionais e a experiência sócio-cultural do PIBID Música na E.E. José Maria Matosinho

A responsabilidade da educação na sociedade

“A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. (BRASIL, 1996, p. 1)

Algumas das responsabilidades do educador

Art.3. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios: [...] II – liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; [...] IV – respeito à liberdade e apreço à tolerância; [...] X – valorização da experiência extra-escolar; [...] XI – vinculação entre a educação escolar, o trabalho e as práticas sociais; XII¹ – consideração com a diversidade étnico-racial. (BRASIL, 1996, p. 1-2)

Incumbências dos estabelecimentos de ensino

“VI – articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola”. (BRASIL, 1996, p. 5)

A obrigatoriedade da inclusão dos conteúdos referentes à música e à história e cultura afro-brasileira e africana

Art.26². Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. [...]

§6^{**3} A música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular [...].

1 Incluído pela Lei n. 12.796, de 2013.

2 Redação dada pela Lei n. 12.287, de 2010.

3 Redação dada pela Lei n. 11.769, de 2008.

Art.26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§1**4 O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§2**5 Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar [...]. (BRASIL, 1996, p. 9-10)

Algumas das responsabilidades das Instituições de Ensino Superior

Art. 43. A educação superior tem por finalidade: I- estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo; II – formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimento, aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua; [...]; IV – promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação; V – suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual e sistematizadora do conhecimento de cada geração; VI – estimular o conhecimento dos problemas do mundo presente, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade; [...]. Art. 52. As universidades são instituições pluridisciplinares de formação dos quadros profissionais de nível superior, de pesquisa, de extensão e de domínio e cultivo do saber humano, que se caracterizam por: I – produção intelectual institucionalizada mediante o estudo sistemático dos temas e problemas mais relevantes, tanto do ponto de vista científico e cultural, quanto regional e nacional. (BRASIL, 1996, p. 14-17)

Com a finalidade de dialogar com todo o embasamento teórico desses e de outros dizeres, as supervisoras e os bolsistas do subprojeto discorrem sobre aprendizados, parcerias, superações, olhares, obstáculos, insights e continuidade que essa experiência possibilitou desde seu início, em fevereiro de 2014,

4 Redação dada pela Lei n. 11.645, de 2008.

5 Redação dada pela Lei n. 11.645, de 2008.

até agosto de 2015. Através das narrativas apresentadas a seguir, busca-se compreender em dizeres, orgânicos em suas práticas, formas para viabilizar sempre mais e maiores, construtivas trocas.

Fendas e novas rotas
Mirela Garcia dos Reis (supervisora)

Muito se diz também sobre as dificuldades que o docente encontra ao adentrar o caminho do ensino público. No Estado de São Paulo, presenciamos greves do corpo docente e profundas decepções e descontentamentos frente às condições voltadas à educação. Quando licenciados, sentimos grande pulsão por todos os dizeres e ideais que enraizamos em nossos corpos diante do ofício. É fato, essas dificuldades estão cotidianamente citadas em reuniões de colegas de trabalho e na famosa sala dos professores. A descrença é sentimento posto quando nos permitimos adentrar por essas fendas. No entanto, a consideração pela construção de um educador se faz todos os dias, através da observação dos movimentos da sociedade e do objetivo de se fazer parcerias para seguirmos um trabalho em e por outras rotas, diferentes daquelas reclamadas que presenciamos no cotidiano escolar.

Com o intuito de criar parcerias e trabalhar na educação com novas e maiores perspectivas, entrei em contato com uma das bolsistas do subprojeto Música do PIBID na E.E. José Vilagelin Neto, Suelen Turíbio, e através dela me reuni com sua coordenadora, a professora doutora Adriana Mendes, em janeiro de 2013. Demonstrei meu interesse em iniciarmos juntas um trabalho com percussão musical pelo resgate da música, história e cultura popular brasileira com os alunos da E.E. José Maria Matosinho. Paralelamente, busquei parceria com o grupo Maracatucá, grupo de maracatu de Campinas. Fui acolhida nas duas iniciativas que me permiti buscar e o subprojeto teve seu início na escola em fevereiro de 2014.

Em 2014, o grupo Maracatucá, do qual passei a fazer parte, empreendeu a parceria e o apoio ao subprojeto, promovendo apresentações de maracatu na escola a fim de divulgar o início das oficinas do PIBID. Em 2015, continuaram com o apoio através de visitas que fortaleceram e endossaram algumas oficinas. Nessas visitas, através de rodas de conversa, conhecimentos sobre o maracatu, a história, a cultura, as atividades das Nações de Maracatu Porto Rico e Encanto do Pina, de Recife-PE e, também, de algumas músicas das Nações, foram compartilhados com os alunos que se mostraram bastante interessados.

O início das oficinas foi muito difícil, pois a escola não possuía instrumentos. Os instrumentos de fanfarra haviam sido doados para uma outra escola há alguns anos, pois estavam sem uso. Com isso, as oficinas aconteciam com instrumentos dos bolsistas que se dispuseram a emprestá-los, enquanto projetos para fomento de materiais eram escritos por mim, com a parceria da professora de sociologia Erika Boaventura (Keka) que, com o mesmo ímpeto e ritmo de trabalho, se uniu à proposta desde quando o subprojeto teve início.

A gestão e a direção da escola deram apoio à idealização e concretização do subprojeto. O apoio também foi dado para a participação do grupo Maracatucá no interior da escola e no que diz respeito ao incentivo no desenvolvimento de projetos que visavam fomento para a construção dos instrumentos. O projeto enviado para o programa de Projetos Descentralizados (Prodesc) da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo não foi aceito, mas, com insistência, um segundo projeto, intitulado “Maracatosinho de Baque Virado”, enviado ao Programa Mais Educação do Ministério da Educação (MEC), foi aprovado. E assim, em 2015, recebemos verba do Governo Federal para a compra de materiais para a configuração de instrumentos e oficina de construção.

O ano de 2014 foi bastante enriquecedor do ponto de vista de expansão musical. O grupo de bolsistas era bastante qualificado: possuía experiência com música percussiva, dinâmicas corporais e de grupo, e conhecimentos mais aprofundados da história de ritmos que configuram nossa musicalidade brasileira. Os agentes, bolsistas, supervisoras e alunos da escola construíram uma relação de respeito, de comprometimento e de afeto; amor em compartilhar ensinamentos e aprendizados. A troca se fez em convergência.

As dificuldades e os obstáculos parecem pequenos quando o grupo é forte e, em meio às fendas, trilha outras rotas. O espaço físico também se mostrou, logo na primeira oficina, insuficiente. Muitos professores que davam suas aulas reclamaram do som de tambores, caxixis, pandeiros, triângulos. A decisão por desenvolver as oficinas na Praça Paulo José Octaviano, em frente à escola, foi a melhor superação. Nosso olhar se ampliou ainda mais quando percebemos que o entorno da escola é vivo. A comunidade tornou-se participante. Algumas senhoras que moram há trinta anos no bairro comparecem para assistir aos ensaios com felicidade e interesse. Mães levam seus filhos ao parque e ficam todos bastante intrigados com os instrumentos e instigados a saber o que é o movimento que acontece todas as semanas por lá. A praça, que por muitos era vista como lugar de “mau elemento”, passa a ter outras cores, novos sons.

O preconceito social se mostrou diversas vezes com comentários: “isso é macumba”. Nesse sentido, a escolha do trabalho com o resgate da história,

luta dos negros e manifestação de resistência da cultura afro-brasileira foi fundamental para romper com o produto negativo que a dominação e subjugação da real história de formação da sociedade brasileira fosse ressignificado e valorizado. Mais uma vez, tivemos um ganho com relação à escolha de desenvolver o projeto no interior e no entorno da escola. Nesse caso, a intolerância também é profundamente trabalhada, afinal a Igreja Católica, Imaculada, situada em frente à praça, ao lado da escola, também se tornou agente. Aceitam-nos, creditam valores positivos ao trabalho cultural realizado e nos incorporaram à sua tradicional Festa do São Bernardo.

A primeira apresentação do grupo foi na 15ª Festa do São Bernardo, no dia 23 de agosto de 2014. A apresentação foi maravilhosa e muito excitante, regada a pífanos, percussão, roda de coco e roda de ciranda. As oficinas continuavam semanalmente e fomos convidados para uma apresentação na E.E. José Vilagelin Neto, onde é também desenvolvido um trabalho de Música do PIBID. O diálogo entre os subprojetos aconteceu e o resultado foi um sentimento de força, responsabilidade e união em coletivo.



Figura 1 – Roda de ciranda – apresentação na E.E. José Vilagelin Neto em 14/11/2014.

Em dezembro de 2014, o grupo também se apresentou no Sarau da escola – evento promovido pelos alunos através do apoio e iniciativa da professora Erika.

Em 2015, com o projeto do Programa Mais Educação aprovado, ampliamos as oficinas e assim também aumentou o público pertencente a elas.

No ano anterior, as oficinas aconteciam no contraturno das aulas ministradas regularmente no período da manhã, isto é, as oficinas aconteciam apenas no período da tarde. Por consequência, abrangiam os alunos de 9º ano do ensino fundamental (EF) e ensino médio (EM). Com a ampliação, as oficinas passaram a acontecer também no contraturno das aulas regulares da tarde, ou seja, no período da manhã, abrangendo os alunos de 6º ao 8º ano do EF. Diante da faixa etária dos alunos do EF, acordamos em oferecer as oficinas em um salão cedido pela escola, mas as oficinas para o 9º EF e EM continuaram a acontecer na praça.

Alguns intercâmbios aconteceram. O grupo da tarde se apresentou para o grupo da manhã e vice-versa. A relação de responsabilidade entre as diferentes idades se torna outro ganho do trabalho desenvolvido.



Figuras 2 e 3 – Apresentação no contraturno da manhã.



Figura 4 – Apresentação no contraturno da tarde.

As imagens mostram alguns dos instrumentos que foram confeccionados em oficina ministrada pelo luthier Valdomiro Elmorí⁶, conhecido como Toshiro. As oficinas aconteceram em dois momentos: roda de conversa e construção de alfaias e agbês. O processo de construção dos instrumentos foi bastante enriquecedor. O Toshiro é conhecedor da cultura popular brasileira, ativo em movimentos culturais e agregou muito conhecimento referente aos instrumentos, trazendo saberes sobre história, uso, respeito, etc. Além disso, tornou-se grande parceiro. Compareceu a algumas oficinas para apoiar e endossar conhecimentos e - por vontade de criar em conjunto - doou baquetas, talabartes, miçangas e mini cabaças. Cada aluno confeccionou e ganhou de recordação um mini agbê.



Figuras 5 e 6 – Oficina de construção de instrumentos: alfaia.



Figura 7 – Oficina de construção de instrumentos.

6 Pesquisador e construtor de instrumentos musicais envolvido com produção artística de grupos e blocos de percussão da cidade de Campinas e região. Disponível em: <http://www.ilubrasileiro.com.br/sobre-nos/>. Acesso em: 30/08/2015.



Figuras 8 e 9 – Oficinas de construção de instrumentos: agbês.

Após a confecção, contamos o total de 6 alfaias, um timbal, uma caixa, um tarol, 6 agbês, 6 talabartes, 6 conjuntos de baquetas para alfaia e dois conjuntos de baquetas para caixa e tarol. O grupo aumentava cada vez mais e a iniciativa para ações que viabilizassem mais instrumentos era conversada por todos, incluindo propostas de organização dos estudantes através do engajamento no Grêmio Estudantil – atitude que conferia ainda mais resultados no tangente à autonomia conquistada pelos alunos envolvidos no subprojeto Música.

No primeiro semestre de 2015, o grupo foi convidado e se apresentou em uma escola privada de Campinas, a Escola Curumim e, novamente, na 16ª Festa do São Bernardo. Além das apresentações, estudantes de jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC Campinas) se interessaram em fazer uma reportagem⁷ sobre a iniciativa. A reportagem foi transmitida na TV PUC Campinas no dia 26 de junho de 2015.

O subprojeto vem ganhando força e reconhecimento. Propostas estão sendo feitas. E o objetivo de lançar-se em novas rotas continuamente está sendo cada vez mais clamado. Eu, professora de Língua Portuguesa, tenho a convicção de que a educação não está restrita a especificidades de uma área apenas. A educação abrange dimensões outras que só podemos nos dar conta quando nos lançamos e quando aceitamos e propomos pontes em parcerias. Realização é o que sinto quando vejo nos estudantes responsabilidade com um coletivo, respeito e reconhecimento de sua própria cultura, ensinamento e aprendizado feitos em diálogo, de modo orgânico, vivo. Felicidade é o sentimento quando escuto força e vontade de ser em ação: Maracatosinhos.

7 A reportagem pode ser assistida pelo link: <<https://www.youtube.com/watch?v=OGFQ53L5Kbc&feature=youtu.be>>, 12'11”.

Pessoas invisíveis: contexto sócio-cultural do bairro São Bernardo e a troca de saberes gerando transformações na escola

Na primeira aula foram uns 20 alunos e assim passamos por um bom problema: mais pessoas que instrumentos. Foi falado sobre o grupo de maracatu que estamos formando, apresentados os instrumentos e a importância de se aprender a tocar esse ritmo que é, na verdade, uma manifestação cultural de resistência afro-brasileira que abrange várias artes ao mesmo tempo. Nesse dia eu e a supervisora Mirela fomos juntas à escola e, ao passar por uma esquina, vimos um catador de papel deitado no chão ao lado de seu carrinho.

Damos aula na praça em frente à escola e, como foram mais alunos que o número de instrumentos que tínhamos para oferecer, fizemos um esquema de revezamento onde todos puderam começar a aprender a célula rítmica do maracatu e experimentar a sensação de tocar os instrumentos. Não temos baquetas e eu levei algumas que não foram suficientes. Vi que o catador de papel nesse momento estava sentado na praça onde estávamos dando aula. Me aproximei e perguntei se teria dois pedaços de pau para nos emprestar. Ele pegou um dos cabos de vassoura que tinha no seu carrinho e quebrou em quatro partes. Isso nos ajudou muito: mesmo com medo de furar as peles eu orientei os alunos da melhor forma que poderiam usar essas baquetas improvisadas. Mesmo assim faltavam algumas baquetas. Nesse momento Sr. Antônio (esse é o nome do catador de papel) cerrou outro cabo de vassoura em quatro partes, enrolou numa sacola plástica (para não furar a pele dos instrumentos, nem a mão dos alunos) e nos deu de presente. Fiz questão que ele participasse da nossa roda final de axé e que todos os alunos agradecessem esse ato generoso do Sr. Antônio.

Ao final da aula, Mirela chamou a atenção pelo fato de que aquele catador de papel que nos ajudou era o mesmo que estava deitado na esquina quando passamos de carro. Porém, mais que ajudar a nossa oficina/aula, ele na verdade me ajudou a ter esperança nos pequenos gestos de gentileza entre pessoas que não se conhecem e que muitas vezes estão invisíveis por nosso olhar formatado, viciado e nada detalhista. A música, acredito eu, tem dessas coisas: aproximar as pessoas. Aquele ser humano, homem, catador de papel, não é mais invisível para mim e para Mirela (talvez também não para nossos alunos). Seja bem-vindo, Sr. Antônio, e o esperamos numa próxima oficina! Estou há quatro anos participando como bolsista no PIBID- Música da Unicamp e pude perceber a música como um meio, uma linguagem para contribuir com o ser humano envolto em suas complexidades e plenamente capaz de aprender em qualquer situação, tornando-se alguém mais sensível, consciente de si e do seu entorno. Ter essa experiência no PIBID foi fundamental para minha formação como professora de música porque desses aprendizados pude perceber o que quero como musicista e como educadora musical! (Relato de aula da bolsista ID Suelen Turibio Lopes)

A partir do relato da bolsista Suelen podemos perceber o quanto o subprojeto PIBID Música envolve direta e indiretamente a comunidade em

torno da E.E. José Maria Matosinho. Por realizar as aulas na praça Paulo José Octaviano, em frente à escola, o projeto faz uso do espaço público para a formação educacional e, também, para formação de público e difusão da cultura popular brasileira, tornando a educação musical um importante veículo de construção de cidadania e de sensibilização da escuta, conseqüentemente do diálogo e da troca de saberes.

Observando a importância da troca de saberes no processo de ensino e aprendizagem, o subprojeto tem como referência a Pedagogia da Autonomia (FREIRE, 2003) para nortear a concepção pedagógica e da própria prática do ensino musical. Dessa forma, desenvolvemos no subprojeto práticas que sugerem novas relações e condições de educabilidade tanto para os alunos do projeto quanto para os bolsistas e supervisoras, com a intenção de gerar apreensão, compreensão e apropriação do saber, como fios condutores para a autonomia e a libertação dos padrões sócio-culturais impostos.

De acordo com Freire, ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo, exige uma apreensão da realidade e o respeito à autonomia do ser educando. Dessa forma, conduzimos o projeto de maneira que possamos conviver com os alunos, conhecendo suas realidades, da escola e do bairro, para podermos construir a prática pedagógica na troca de saberes e no respeito à autonomia.

Nesse processo é fundamental conhecer a localidade onde a escola e toda comunidade está inserida, bem como as relações de poder e a visão de mundo que se configuram ali.

Um olhar sobre a E.E. José Maria Matosinho e sua comunidade

A E.E. José Maria Matosinho está localizada no São Bernardo, bairro periférico de Campinas. Historicamente o bairro é conhecido pela grande concentração da comunidade negra da cidade, bem como sua influência cultural. Foi o local onde surgiu o primeiro grupo de maracatu de Campinas, criado como forma de resistência cultural pela comunidade negra. Porém, é perceptível a divisão do bairro em dois pólos de classes socioeconômicas distintas: São Bernardo de cima, onde está localizada a escola e a comunidade, dita pelos próprios moradores, branca, de classe média ou mais bem inserida economicamente nos processos de consumo; e o São Bernardo de baixo, onde se concentra a maior parcela da comunidade negra e de maior vulnerabilidade socioeconômica.

Imersa nesse contexto, a escola tem uma grande diversidade de realidades sociais, culturais e econômicas entre os alunos, funcionários, professores

e comunidade. Como a maior parte das escolas públicas existentes nas grandes cidades, principalmente em bairros periféricos, a escola Matosinho tem, em seu cotidiano, problemas e riquezas que são reflexo da realidade social do bairro.

Entre os problemas estão a marginalização social, cultural e econômica sofrida por parte dos moradores do bairro, expressa na má formação de uma autonomia crítica e na falta de oportunidades culturais e de trabalho, reflexo da ineficiência das instituições públicas no processo de cidadania do bairro São Bernardo. A escola tem alunos de diversas realidades matriculados e com frequência regular, desde aqueles com uma estrutura familiar e socioeconômica que estimulem seu aprendizado, até os que começam a trabalhar por necessidade no começo da adolescência, os que nunca participaram de projetos culturais públicos ou privados gratuitos de formação e aqueles com pais presos por crimes diversos ou com pais religiosos com intolerância à diversidade religiosa e sexual.

Toda essa realidade interfere diretamente na aprendizagem, na sua visão de mundo e no relacionamento em grupo. Por outro lado, o contato com essa diversidade de realidades dentro da escola possibilitou o surgimento de diversos talentos nas artes, que buscavam, acima de tudo, não aceitar a condição de pessoas invisíveis, mas sim expressar a indignação frente à falta de oportunidades em diversos âmbitos de forma artística e na postura de vida. Com a influência direta das duas supervisoras do projeto PIBID na escola, Mirela e Keka, e dos bolsistas do subprojeto, surgiram talentos na literatura, na música, nas artes visuais, escritores, poetas, cantores, instrumentistas, desenhistas com influência do rap, da cultura popular brasileira, e da perspectiva de autonomia, da liberdade de expressão e da conscientização dos direitos e deveres do cidadão.

No baque da transformação Érika Siste Boaventura - “Keka” (supervisora)

No dia 22 de agosto de 2015, realizamos uma apresentação com o grupo que compõe o subprojeto PIBID Música na E.E. José Maria Matosinho. Apresentamos o maracatu em uma tradicional festa religiosa do bairro do São Bernardo. Tal festividade acontece na praça em frente à escola onde lecionamos.

Início meu relato por esse evento, pois creio que ele seja emblemático para refletirmos sobre algumas relações criadas e potencializadas através do

PIBID. Um importante elemento a ser ressaltado é a identidade de grupo que criamos ao longo do subprojeto. Os alunos da Unicamp, nas dinâmicas desenvolvidas ao longo das aulas, estimularam o “escutar-se”, o “olhar-se” e o “sentir-se” como parte da dinâmica musical. A ideia de que somos um grupo e de que a música é um exercício coletivo fortaleceu a relação entre os alunos participantes. Tal fato expressou-se em todas as apresentações realizadas pelo grupo, através da pontualidade, do compromisso e responsabilidade com os instrumentos, da preocupação com os colegas, como, por exemplo, se haviam comido ou se tinham roupas para a apresentação, da solidariedade para emprestar as vestimentas e fazer “vaquinha” para comer e de ajudar os alunos iniciantes a inserir-se no grupo. E cada elemento desses é muito significativo na grandiosidade das relações que o subprojeto vem construindo.

Essa apresentação congregou esses fatores de uma forma forte e emocionante. Pela primeira vez pudemos apresentar o maracatu utilizando os instrumentos conquistados pelo projeto elaborado e enviado pela coordenadora Mirela Garcia ao Programa Mais Educação. Os instrumentos em questão foram confeccionados em uma oficina ministrada pelo Toshiro, na qual os alunos puderam participar como sujeitos dessa produção. Penso que tais elementos potencializaram o desejo dos alunos de tocar, de apresentarem-se como parte desse grupo construído por eles. Aspectos que ficaram evidentes pela força ao tocar, pela atenção e confiança nos parceiros do grupo e pela emoção sentida por eles e pelo público espectador durante a apresentação.

Outra questão importante é a relação do projeto com a comunidade. O bairro do São Bernardo é uma das primeiras regiões de Campinas habitada pelos negros após o final da escravidão. As consequências dessa história são sentidas até hoje. O bairro é cortado por uma importante avenida da cidade, conhecida como Amoreiras, que liga o centro aos bairros mais periféricos e que, além disso, corta o São Bernardo em dois. Do lado de baixo da avenida, situa-se o “São Bernardo de baixo”, parte de origem negra e pobre; e do lado de cima, situa-se o “São Bernardo de cima” de origem mais recente e de classe média. A E.E. José Maria Matosinho encontra-se na parte “de cima” do bairro e a cisão entre os lados faz-se presente no cotidiano da escola. É comum escutar piadas racistas com os estudantes oriundos do “Berna de baixo”, como dizem os alunos. Também são constantes as abordagens da polícia militar aos jovens que transitam da parte de baixo para a parte de cima do bairro. Elementos como esse demonstram a persistência de relações fortemente racistas.

Pensando nisso é que resolvemos levar esse projeto, que aborda a questão do negro, mais precisamente da cultura afro-brasileira, para a praça em frente ao “Matosinho”. Sair dos “muros da escola” foi importante para estabelecer uma relação com a comunidade. Apesar do estranhamento inicial, o projeto é cada vez mais aceito e incorporado ao cotidiano dos moradores e frequentadores da escola. Senhores e senhoras, mães com crianças, trabalhadores da praça, frequentadores da igreja católica, assistem aos ensaios. Estabelecemos uma relação de cordialidade com o padre através do respeito aos horários da missa. E o símbolo maior disso foi nossa apresentação na festa de São Bernardo pelo segundo ano consecutivo. No entanto, esse ano teve um diferencial, reconhecido pela própria diretora da escola em reunião com os professores após a festa. Segundo ela, a participação do “Maracatosinho” fortaleceu a relação da comunidade com a escola. Mais pessoas entraram no bingo organizado pelo Matosinho e a dinâmica de duração da festa foi determinada pela escola, ou seja, a escola fechava e a festa também se encaminhava para o final. Sentimos também, de forma geral no grupo, que a comunidade recebeu nossa apresentação com mais entusiasmo que no ano anterior – nos sentimos muito mais acolhidos!

Por fim, como professora de sociologia, não posso deixar de destacar a forma dialética com que se deu o envolvimento desse componente curricular com o PIBID. Os temas debatidos pela disciplina de sociologia, como a questão da alteridade, os temas relacionados ao negro no Brasil e à cultura de maneira geral, imbricaram-se de tal forma com os elementos trazidos pelos estudantes pibidianos da Unicamp que proporcionaram um salto qualitativo nas aulas e, por sua vez, no próprio projeto. A professora Mirela e eu entramos em tamanha sintonia devido a ideias trabalhadas direta e indiretamente no grupo que nossas aulas, mesmo não tendo sido planejadas juntas e se tratando de disciplinas diferentes (Mirela leciona português), passaram a dialogar muito mais. Inúmeras vezes comentávamos uma com a outra que os alunos diziam “Há! A Érika também falou isso” e vice-versa.

O Matosinho passou a ser uma escola mais aberta às diferenças e, acreditamos, ao diálogo - isso se expressa na aceitação e participação cada vez maior dos alunos nas apresentações que ocorrem dentro da escola. Fora isso, os estudantes estão incorporando elementos da cultura popular em suas rotinas escolares. Recentemente iniciamos a produção de um rap que tem como base sonora as batidas do maracatu.

Por fim, creio que o PIBID na E.E José Maria Matosinho tem nos proporcionado acreditar no potencial da educação. Esta, entendida no seu sentido

mais amplo, que perpassa e ultrapassa a sala de aula, tomando os espaços para no “baque da transformação” construir relações mais humanas que respeitem a alteridade e potencializem o desejo de criar e aprender nos estudantes.

Do aprendizado aos palcos: processos pedagógicos do ensino musical na vivência artística e na formação de cidadãos

Chegamos eu, Tocha e Diana (bolsistas PIBID) na escola numa quinta-feira de manhã e começamos a aula. Conversamos um pouco, alongamos o corpo e fizemos algumas brincadeiras de roda trabalhando o pulso, pensando em tempo e contratempo. Num certo momento apareceu a Keka e nos convidou para apresentar algo num sarau que aconteceria na sala dela naquela mesma manhã. A turma gostou da ideia, ainda que alguns demonstrassem que sentiam bastante vergonha de se apresentar, mais ainda na frente da turma dos alunos mais velhos. Nunca tínhamos nos apresentado até então. Conversamos sobre estar em cena, frente ao público, as belezas e dificuldades dessa situação e todos concordaram em apresentar. Passamos a cerca de meia hora seguinte ensaiando o toque do baião nos instrumentos de percussão - alfaia, agbê, pandeiro e triângulo - e a melodia de “Asa Branca” - de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira - nos pífanos. Fizemos a apresentação e todos participaram, superando a timidez e a vergonha de estar frente a um público. Foi um momento muito importante e marcante para todos, e a apresentação foi maravilhosa. Ao final nos reunimos em roda, fazendo uma concentração do grupo e já começando a pensar em nos apresentar novamente. (Relato de aula do bolsista ID Tiago Liu)

O processo pedagógico do ensino de música aplicado no subprojeto PIBID Música, realizado na E.E. José Maria Matosinho, tem como finalidade, além do ensino musical, a difusão dos saberes tradicionais expressos na cultura popular brasileira, dentro e fora da escola; a utilização das artes como ferramenta de transformação social e formação de autonomia crítica; e a experimentação do fazer artístico e do espetáculo pelos alunos, bolsistas ID e supervisoras.

O ensino musical desenvolvido no subprojeto está pautado no estudo da rítmica, da percepção sonora, dos ritmos e sonoridades da cultura popular (samba de côco, maracatu, ciranda, banda de pífano, baião, entre outros), na execução musical com instrumentos tradicionais e na preparação cênico-corporal.

Como referência para a abordagem rítmica nas aulas, é utilizado o método de ensino rítmico desenvolvido por José Eduardo Gramani (2010) para criar jogos e brincadeiras que desenvolvam a noção rítmica e que possibilitem

o aprendizado e entendimento dos ritmos tradicionais brasileiros. Para o desenvolvimento da percepção sonora, uma das referências são as pesquisas de R. Murray Schafer para buscar o desenvolvimento da escuta e a construção de uma autonomia de escolha dos sons (SCHAFER, 2009), através de exercícios de percepção da paisagem sonora (SCHAFER, 2011) e sonoridade dos instrumentos tradicionais trabalhados no projeto: alfaia, agbê, caixa, triângulo, agogô, pandeiro, zabumba, ganzá e pífanos. Como referência para a cultura popular, o olhar passa a ser direcionado para os mestres com suas comunidades tradicionais e suas brincadeiras artísticas. As manifestações de cultura popular mais vivenciadas no projeto são o maracatu, as bandas de pífanos, o coco e a ciranda. E, por fim, o ensino musical tem a perspectiva de formar um grupo com os alunos do subprojeto, bolsistas e supervisoras, para apresentar artisticamente as criações desenvolvidas, com a finalidade de proporcionar uma experiência do fazer artístico, do palco, para o grupo. Para a preparação do corpo para o fazer artístico e cênico, são vivenciados jogos e dinâmicas inspiradas nas pesquisas teatrais de grupos de referência em Campinas e no Brasil, como é o caso do LUME Teatro (BURNIER, 2009).

O projeto atualmente é realizado no contraturno das aulas regulares, em dois turnos distintos: pela manhã para os alunos do ensino fundamental II, que estudam regularmente no período vespertino; e pela tarde para os alunos do ensino médio, que estudam regularmente no período matutino.

Os conteúdos abordados em ambos os períodos são os mesmos, porém cada faixa etária tem sua particularidade na prática pedagógica musical. Como forma de explicitar as especificidades no ensino de ambos os períodos, seguem os relatos de duas bolsistas que desenvolvem seus trabalhos na Matosinho, cada uma em um período distinto.

Pequenos relatos e reflexões das vivências com os alunos-participantes do Ensino Médio

Libertando a brincadeira com música? Lembrando círculos e alguma vontade de reflexão sobre lugares apoiadores da coletividade, da intuição, num processo de apropriação de um saber-fazer (musical)
Yandara Pimentel

Me ocorre, como fruto de uma das propostas que escolhemos para abordar a música e algum processo de apropriação dela por parte dos meninos, algo que passa pelo nosso (educadores) processo de apropriação de um aspecto dela

(música), que penso agora e me ocorre chamar da sua “liberdade” de ser inventada. Algo sobre as rodas de improviso com a música do corpo, que aprendemos com outros. Propúnhamos estruturas simples: pegando um “caminhar” comum em roda (um mesmo pulso para todos os caminhantes da roda, lembrando que precisávamos, a princípio, andar juntos, acompanharmos-nos, para que pudéssemos escutar-nos), já tendo saboreado um jeito de “fazer um som” (que era esse de experimentar fazer os ritmos com os recursos do próprio corpo – voz, membros). Me marcou o divertimento dos alunos ao perceber a música do próprio corpo, desfrutando os sons que ouviam e viam sair da sua boca, da do outro, mas principalmente, me parecia, um divertimento vinha do que se ouvia e via da composição de todas as sonoridades juntas - que começavam a formar “beats” ou “grooves” próprios, que traziam nas suas características as batidas de um funk ou de um rap (por parte dos meninos, importante sublinhar), mas eram “nossas”, criações bem fresquinhas, inéditas, e me parece que isso animava a gente – digo isso pelas expressões e falas durante esse dia que vimos e ouvimos (nós educadores). Ensaivamos nesse dia para uma apresentação no Sarau da Escola, e a proposta (que vinha como sugestão dos educadores mas que teve uma aceitação grande por parte dos meninos) era justamente a de criarmos tal roda, depois do cortejo de chegada e da roda de coco, em que podíamos mostrar tal brincadeira para as pessoas, e talvez convidá-las a entrar. Nessa roda se formavam pequenos agrupamentos, e sempre um começava com algum tipo de expressão sonora, repetindo-a, e convidando os que estavam próximos a se juntar a ele ou não. Os que estavam na sequência do sentido que seguíamos, deveriam compor com aquele som, colocando uma outra expressão sonora na roda, e assim por diante. Já havíamos feito pequenas vivências nos dias anteriores com esta ideia de buscarmos um mesmo “pulso” e a partir dele não só encontrarmos formas de fazer os ritmos que estávamos passando a eles (uma célula sintética de coco de roda e baião), mas também de criar bases rítmicas e rimas (a palavra dentro do jogo de composição sonora e do improviso), que se mostraram muito poderosas depois. A satisfação de todos “jogando” com o que têm em mãos, em corpo, seja uma pequena sílaba, percussões vocais ou corporais, sons estranhos, qualquer coisa valia e se tornava interessante, e isso me pareceu dar um grande valor ao aspecto coletivo do fazer musical. Ou seja, não sou só eu, com meu instrumento, desenvolvendo-me tecnicamente nele, mas sim minha interação com o outro, meu som que depende do som do outro, minha escuta que depende da minha generosidade em ceder espaço para o outro dizer, de encontrar disponibilidade para escutar (pois, sem ouvi-lo, não sei como posso compor com aquilo que é jogado na roda).

**Construção do aprendizado por vias não convencionais:
vivência com alunos do Ensino Fundamental II
Diana Lanças (educadora bolsista)**

Este projeto desenvolvido pelo PIBID Música configura-se permeado pelas dinâmicas da educação não-formal. Sem padronizações ou verdades pré-concebidas, procuramos construir, junto com os alunos, uma dimensão auto reflexiva sobre o fazer musical em grupo. Estamos, de fato, atuando dentro de uma instituição formal, mas é certo que tal, como todas as outras e todo tipo de organização humana, é feita de humanos. E como humanos presentes dentro da escola, com toda a autonomia de que dispomos, num contexto de ação no contraturno, estruturamos aulas num formato de oficinas, divididas quase sempre em três momentos: uma roda com todos, onde cada um pode trazer questões de ordem subjetiva ou simplesmente falar sobre algo que tenha vontade; jogos músico-corporais, buscando explorar e internalizar noções de pulsação, ritmo, prática e criação musical coletiva, que atingem também outros níveis de consciência sobre o relacionar-se, na medida em que o fazer conjunto exige e ensina determinadas atenções, sem esquecermo-nos da leveza do aprendizado associado ao prazer; e, por fim, metade da oficina é destinada ao contato com os instrumentos, momento de perceptível satisfação por parte dos alunos, em que tocamos todos juntos, e é quando condensam-se percepções e faz-se evidente o processo de aprendizado de cada um. Em seis meses desenvolvendo experiências com a turma do ensino fundamental II, os níveis de assimilação e significação dos processos educativos propostos, assim como a própria desenvoltura dos alunos para com o fazer musical, cresceram de modo expressivo. Com olhar superficial e tendo em mente aulas de música padrão, não é possível enxergar sentido nos dois primeiros pilares que estruturam nossa oficina, na medida em que são caminhos e estratégias não convencionais, e não por isso menos efetivos. A importância da roda inicial gira em torno da contínua construção da relação entre os presentes, sendo um espaço de diálogo livre onde todos se entendem horizontalmente. Através dos jogos, os alunos absorvem e assimilam espontânea e empiricamente os conceitos básicos que possibilitam tocar em grupo. Simultâneo ao aprendizado musical é perceptível o crescimento pessoal-interno de cada um, completando e evidenciando a beleza do processo da vida.

Através desses depoimentos, relatos, imagens e reflexões esperamos ter compartilhado um pouco do trabalho que tem sido desenvolvido na E.E. José Maria Matosinho.

Referências

BRASIL. **Lei Nº 9.394**. Estabelece Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Dezembro, 1996.

BURNIER, Luis Otavio. **A arte de ator**: da técnica à representação: elaboração, codificação e sistematização de técnicas corpóreas e vocais de representação para o ator. (2ª ed.) Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. (27ª ed.) São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GRAMANI, José Eduardo Ciocchi. **Rítmica**. (4ª ed.) São Paulo, SP: Perspectiva, 2010.

SCHAFER, R. Murray. **Educação sonora**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

_____. **Ouvido Pensante**. (2ª ed.) São Paulo: Editora Unesp, 2011.